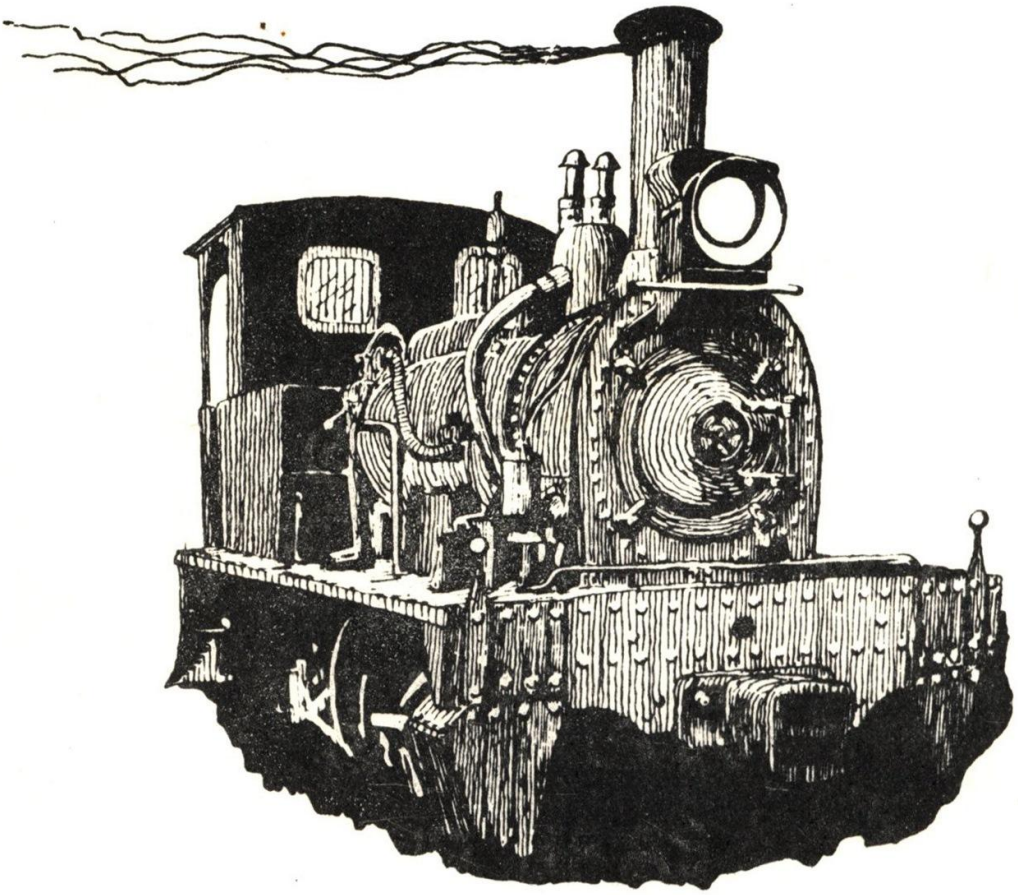
CÉLIA MARIA CHAGAS

QUE JÁ VEM...

QUE JÁ VEM...

QUE JÁ VEM...



Rio Claro
Arquivo do Município de Rio Claro
1985

Célia Maria Chagas

que já vem ... Que Já Vem ... QUE JÁ VEM ... QUE JÁ VOU ... Que Já Vou ... que já vou ...

Rio Claro
Arquivo do Município de Rio Claro
1985

CAPA

Percy de Oliveira

Nasci de parto difícil, interrompido, parto partido em partes que nunca se juntaram devidamente. Por isso, talvez, agora, esse fim tão doído.

Mas ... estou nascendo: no Rio de Janeiro, 14 km de extensão entre Mauá e Fragoso, lá pelos idos de 1854. Seis anos depois, a 24 de novembro de 1860, meus trilhos aportaram em São Paulo vencendo as escarpas do Planalto, aos poucos. Em 1866/1867, meu percurso já era de 140 km entre Santos e Jundiaí, através dos serviços da São Paulo Railway, a Inglesa, como o povo a chamava.

Desce-serra, sobe-serra, passa-ponte, corta-túnel, lá seguia eu, descobrindo a beleza de cada amanhecer vencido pelo resfolegar intenso e vagaroso do meu trem que ia reconhecendo espaços, acolhendo olhares, vencendo o mundo no infinito de minhas paralelas.

Infinitizar realmente minhas paralelas. Meu sonho. Doce. Forte. De ferro. Mas aqui, por essas bandas paulistas, ele foi rebentando a luz deva

garinho, juntando-se aos cochichos dos fazendeiros de café que me queriam ver serpenteando suas ondas verdes num movimento intenso de riqueza e glória.

Avancei, portanto, meu caminho de ferro paulista sobre o ventre do café. Vim para Campinas, capital agrícola do país, em 11 de agosto de 1870. Depois, espichei-me para Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro (1875/1876) e para um mundão de lugares, quase sempre acompanhando um outro caminho - o caminho verde dos cafezais. Cheguei a insinuar-me dentro dele, invadindo as fazendas numa total exclusividade de transporte.

Aqui, nessas bandas, finquei-me. Meu infinito inchou-se em novos troncos, ramais e desvios e eu cresci. Não apenas Paulista, mas Ituana, Sorocabana, Mojiana. Um sem-fim de estações, pequenas, grandes, médias.

Fui, desde então até 1940, um caminho não só de ferro, mas sobretudo de vida. Em torno de mim nasceram e cresceram cidades que muitas vezes até viveram exclusivamente da minha existência,

como essa Rio Claro Azul, cujas oficinas, de primeiríssima qualidade, foram o grande mercado de trabalho de sua população durante longo tempo. Também "Bauru, no seu início, quando era entroncamento de três estradas de ferro ou ainda Cruzeiro, ponto não só de cruzamento dos trens do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas também ponto de entroncamento e, portanto, de baldeação da Rede Sul Mineira" (1).

Fui um caminho de ferro correndo em busca do futuro, talvez. E nessa corrida fértil, embora desordenada, ajudei a fazer uma paisagem nova, diferente da que me criou, paisagem de cimento, de tijolo, onde o ruído não era mais o do vento entre as folhas, mas do apito, rouco ou agudo, das fábricas nascentes.

"Já desde o século passado as indústrias começaram a agrupar-se nas proximidades das vias férreas, muitas delas conseguindo desvios particulares para maior facilidade de circulação. Isso explica a concentração industrial em certos bairros de São Paulo (Brás, Ipiranga, Mooca, Lapa, Água Branca), numa época em que os terrenos

à margem das linhas ainda eram baratos e nos quais as condições topográficas facilitavam o estabelecimento de grandes fábricas. Tal fato é particularmente sensível no eixo da Paulista, em que surgiam alguns centros industriais: Jundiaí, Campinas, Americana, Limeira, entre outros."(2)

Intrometida e espichada, acabei por espraiar meu sonho inicial para além de São Paulo. Na verdade, havia fincado por aqui só meus pés. Os braços podiam alongar-se, e lá fui eu para o sul de Minas, o Triângulo Mineiro, o Estado de Goiás (Mojiana), o sul de Mato Grosso (Noroeste), o norte do Paraná (Sorocabana), tornando-me elo exclusivo de ligação com estas áreas.

A partir de 1940 e notadamente após meados da década de 60, comecei a me perder. Saí dos meus trilhos ou arrancaram-me? Não sei. Estou sem rumo no infinito de minhas paralelas desgastadas, desusadas e, em muitos lugares, totalmente abandonadas. Morro como nasci. Morte lenta. Difícil. Explodindo em dores partidas. Quisera ficar só com meu mastro arriado no verde, mesmo verde que anuncia a esperança de que o trem já

vem ... já vem ... já vem ...

notas

1- MATOS, Odilon Nogueira de - **Café e ferrovias** . São Paulo, Arquivo do Estado, 1981. p. 157-158.

2- Idem, ibidem, p. 159.

Impresso
no
Arquivo do Estado de São Paulo